

Dr^a SUSANA GASTAL

TURISMO, CIDADE E CULTURA SOB A PÓS-MODERNIDADE

Tourism, City and Culture under Post-Modernity

FELIPE ZALTRON DE SÁ¹, JASMINE PEREIRA VIEIRA², VANESSA KUKUL³ & JOSÉ DE ALMEIDA SANTOS⁴

DOI 10.18226/21789061.v13i2021p18

RESUMO

Essa entrevista realizada na Universidade de Caxias do Sul, em outubro de 2019, faz parte de um projeto de entrevistas com os professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Susana Gastal tem trabalhado na área do Turismo desde os anos 1970, tanto no poder público, quanto na academia. Os seus estudos hoje estão centralizados na perspectiva Pós-Moderna do Turismo, incluindo a Cidade e a Cultura como focos de análise e baseando-se na semiótica como metodologia de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Pós-Modernidade; Cidade; Cultura.

ABSTRACT

This interview conducted at the University of Caxias do Sul, in October 2019, is part of an interview project with professors from the Postgraduate Program in Tourism and Hospitality. Susana Gastal has been working in the Tourism area since the 1970s, both in public and academic terms. Her studies today are centered on the Post-Modern Tourism perspective, including the City and Culture as focuses of analysis and based on semiotics as a research methodology.

KEYWORDS

¹ **Felipe Zaltron de Sá** – Mestre. Doutorando em Turismo e Hospitalidade. Bolsista CAPES/PROSUC. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8360075869351902>. E-mail: felipezaltrondesa@gmail.com

² **Jasmine Pereira Vieira** – Mestra em Turismo e Hospitalidade. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, Brasil. Currículo <http://lattes.cnpq.br/5401942521008700>. E-mail: jasmine.pvieira@gmail.com

³ **Vanessa C. Kukul** – Mestranda em Turismo e Hospitalidade. Bolsista CAPES/PROSUC. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, Brasil. Currículo <http://lattes.cnpq.br/2218758361029031>. E-mail: vckukul@gmail.com

⁴ **José de Almeida Santos** – Mestre. Doutorando em Turismo e Hospitalidade. Professor no IF Alagoas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5800196825718422>. E-mail: josealmeidasantos259@gmail.com

Tourism; Postmodernity; City; Culture.

INTRODUÇÃO

A presente entrevista, realizada em 2019 pelo grupo de orientandos da professora Dr^a Susana Gastal naquele momento, integra projeto de comemoração dos vinte anos de Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. O projeto objetiva registrar a trajetória da equipe que o constitui o PPGTURH, resgatando dados sobre a vida profissional e acadêmica, as pesquisas e outras produções dos professores do Programa. Professora Susana de Araújo Gastal é formada em Comunicação Social [PUCRS, 1971-1974], especialista em Artes Plásticas Suportes Científicos e Práxis [PUCRS, 1986-1987], mestra em Artes Plásticas [UFRGS, 1993-1995] e doutora também em Comunicação [PUCRS, 1998-2002]. Ao longo do tempo, o exercício profissional como jornalista e as práticas acadêmicas se misturam, por vezes uma dominando a outra, mas em constante movimento, como poderá ser visto na entrevista.

Em seu doutorado, a partir de teorizações da pós-modernidade e da semiótica, defende a tese de que a Cidade e o Urbano, enquanto construção de sentido, se organizam a partir de três imaginários: Palco, como o espaço de estar junto; Praça, como o espaço de ver e ser visto; e Monumento, como significante das marcas espaço-temporal impressas nas urbes (Gastal, 2002; 2006). No livro Turismo, Imagens e Imaginários (2005), Gastal retoma a questão dos imaginários, entre outros buscando as imagens semiotizadas pelo e no Turismo, pela comunicação visual e pelo marketing, alimentando sentimentos que levariam o turista a viajar para determinado local. Em parceria com Marutschka Moesch no livro Turismo, Políticas Públicas e Cidadania (2007), ambas colocam em questão o morador [cidadão] e os interesses locais no momento do planejamento turístico. Ao retirarem o Turismo do seu fundo economicista e de gestão, as autoras buscam a experiência turística como principal fator do processo de mobilização subjetiva do viajante.

Na atualidade, Gastal trabalha com todos esses conceitos, mantendo a pós-modernidade como corpus teórico, mas aproximando novos enfoques associados à cultura contemporânea, como Gastronomia (Gastal, Beber & De Sá, 2017; Beber & Gastal, 2017), Economia Criativa (De Sá & Gastal, 2018; Gastal & De Sá, 2017), Jardins Históricos e Jardins Botânicos (Gastal & Da Silva, 2015; Gastal, Palma & Castrogiovanni, 2018), e reaproximações à Cidade sobre novas perspectivas (Gastal & Osmaïnschi, 2017; Gastal, 2017). Dessa maneira, Gastal busca

demonstrar em suas pesquisas e projetos a importância do estudo do e no Turismo para melhor desenvolvimento e planejamento das Cidades e da Cultura. Aproveite a leitura!

ENTREVISTA

Felipe Zaltron de Sá, Jasmine Pereira Vieira, Vanessa Kukul, José de Almeida Santos [FZS, JPV, VK, JAS]: Podes nos contar um pouco sobre a sua trajetória acadêmica?

Susana de Araújo Gastal [SAG]: Bom, minha vida acadêmica é meio sinuosa, ela não segue exatamente uma linha reta. Quando eu fiz o segundo grau, fui da última turma do Curso Clássico, que depois se transformou em um segundo grau integrado⁵⁶. Mas, foi muito bom fazer esse curso, me deu uma formação muito legal. Agora, claro, tive apenas um semestre de Biologia, nunca estudei Química, Física... Matemática, só até o antigo ginásio⁷. Depois disso, fiz vestibular na UFRGS para Letras e na PUCRS, para Jornalismo. Fui aprovada nos dois e comecei a cursar ambos.

A Letras era uma continuação do Curso Clássico, numa época que o curso tinha uma carga horária incrível. Fiz quase todas as disciplinas da área, digamos, técnica, e quando precisava iniciar a formação didática, eu não estava a fim de ser professora. Não queria fazer as disciplinas didáticas. Pedi transferência para a Educação, mesmo sendo meio incongruente não querer fazer a formação pedagógica, mas ir para lá. Nesse curso fiz várias disciplinas, mas também acabei não concluindo. Nesse meio tempo, já estava com o Curso de Comunicação bem avançado. Tinha casado no segundo ano de faculdade, e já estava trabalhando na área. Então, eu tinha aula na UFRGS de manhã, trabalhava de tarde e tinha aula na PUC de noite. E já estava casada, com algumas responsabilidades domésticas. Chegou um momento que simplesmente abandonei a UFRGS. Estava me formando na PUC, já estava trabalhando e com carreira encaminhada em outra área. Até porque minha ideia quando entrei no Jornalismo e na Letras, era mais adiante fazer Itamaraty: queria ser diplomata. Só que isso ficou no caminho, ficou como

⁵ Curso clássico mantinha relações com caráter humanístico, enciclopédico e aristocrático. Integrado é o sistema definido atualmente, na qual os estudantes estudam as todas as disciplinas “básicas”

⁶ Integrado é o sistema definido atualmente, na qual os estudantes estudam as todas as disciplinas “básicas”.

⁷ Ensino Fundamental até o nono ano.

uma aspiração. Ah, mas antes também, quando eu fiz vestibular, eu cheguei a me inscrever para Psicologia, e tinha o tal psicoteste, no qual fui reprovada.

[FZS, JPV, VK, JAS]: E como foram Mestrado e Doutorado?

[SAG]: Ah sim, mas antes fui pro mercado de trabalho. E comecei trabalhando na Editora José Olympio, como estagiária e fiquei lá por quase dois anos. Depois da Editora fui trabalhar na Secretaria Estadual de Turismo, que tinha sido criada dois anos antes. E daquelas coisas meio incongruentes na vida da gente, acho que foi a única vez que fui atrás de um emprego porque, mesmo na José Olympio, me chamaram, perguntando se eu não queria estagiar lá. Sobre o Turismo, o meu sogro era amigo do secretário, o Roberto Eduardo Xavier, e quando fiquei sabendo que havia uma vaga na área de Comunicação da Secretaria, pedi ao Gastal se não ligaria para o Xavier⁸, porque eu gostaria de estagiar com ele. Xavier me chamou, mas não como estagiária, e sim já como técnica, contratada na Companhia Riograndense de Turismo [CRTUR], e posta à disposição da Secretaria.

Então, foi um tempo maravilhoso entre 1973 e 1975, mas era muito trabalho... Eu sempre trabalhei com gente *workaholic*, muito enlouquecida. Se trabalhava muito e foi uma época em que a Secretaria de Turismo fez belas coisas, como o Parque do Caracol, o Parque da Guarita, onde o Lutzenberger⁹ assinou o paisagismo, desconhecendo um projeto do Burle Marx¹⁰ para área. Mas o Xavier saiu da SETUR em 1975 e foi trabalhar na Prefeitura, com o Guilherme Socias Vilela¹¹, como Secretário de Governo. E o Mário Ramos¹² assumiu o Turismo. Eu trabalhei uma época com ele, mas já não era a mesma coisa. O que era técnico, virou político...

A sede da Secretaria ficava no edifício Santa Cruz¹³, no 20º andar, então um dos edifícios mais alto da cidade. Um dia cheguei na frente do elevador e senti: “Não consigo mais subir nesse elevador”. Dei as costas, atravessei a rua - a CRTUR era quase na frente, do outro lado da rua -, e pedi demissão. E me lembro que o diretor me disse: “Ninguém pede demissão do serviço

⁸ Roberto Eduardo Xavier foi secretário do Turismo até 1975.

⁹ José Antônio Lutzenberger foi agrônomo, paisagista e ambientalista que defendeu e participou na luta pela preservação ambiental

¹⁰ Roberto Burle Marx foi artista plástico e paisagista com obras espalhadas pelo Brasil e mundo, e certificadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹¹ Prefeito do município de Porto Alegre do período de 1975 a 1983.

¹² Mário Bernardino Ramos foi Secretário Estadual de Turismo do governo de Sinval Guazzelli de 1975 a 1979.

¹³ Edifício construído no centro de Porto Alegre no final de 1950.

público. Tira férias, esvazia a cabeça, descansa”. E eu respondi: “Bom, eu estou pedindo demissão do serviço público. Quero sair”.

Achei que iria viver seis meses de Fundo de Garantia, me matriculei para ter aulas de tênis e tudo mais. Mas nesse tempo, o Xavier passou para a recém-criada Secretaria Municipal do Meio Ambiente, o primeiro órgão municipal de meio ambiente, do Brasil. E me chamou para voltar a trabalhar com ele, em 1977. Fiquei 6 ou 7 anos trabalhando na SMAM. Nesse meio tempo, em 1979 engravidei, tive um acidente de carro e fiquei dois meses fora do trabalho, meio tempo em que o Xavier saiu do Meio Ambiente. E como estava de licença não fui da parte da equipe que foi com ele, para outra atividade.

Depois, fiz uma rápida passagem pela Secretaria Municipal da Indústria e Comércio, que gerenciava o Brique da Redenção¹⁴, e o coordenei-o por dois anos, numa experiência muito pesada, porque a gestão desses espaços é tarefa muito difícil. E, então, fui pra Secretária Municipal da Cultura, onde permaneci por cerca de vinte anos. Quando fiz a relocação, a SMC ainda não fora criada, ainda se tratava de uma diretoria da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Então, participei do processo de implantação da SMAM e do processo de criação e implantação da Secretária Municipal da Cultura, o que foi extremamente rico.

Bom, tudo isso pra chegar na formação acadêmica. Quando começo a trabalhar em coisas novas, eu vou estudar, porque como jornalista, a gente acaba tendo formação generalista. Quando fui para Cultura, fui estudar e me aprofundar. Entre as muitas coisas que fiz na Cultura, criei e editava a revista Porto&Vírgula. Como trabalhava muito com o pessoal da área de Artes Plásticas e do Atelier Livre da Prefeitura, fiz uma especialização na área de Artes Visuais, que foi muito boa. E editando a revista, me dei conta que eu estava sempre, digamos assim, alavancando os outros, ajudando outras pessoas, que é algo que faço até hoje como editora, em revisar, editar e organizar o texto. O que é algo que os autores aceitam bem, isso do editor como um interlocutor. Poucas pessoas, duas ou três vezes na minha vida toda de editora, me incomodaram e ficaram indignadas com a revisão.

Aí pensei: ‘Poxa’, *também quero ter o direito de pensar o Brasil*, quero ter o direito de pensar o meu País. E vi que quem tinha o direito de pensar o Brasil, era quem tinha mestrado e doutorado. Resolvo buscar o Mestrado e, coincidentemente, na época a UFRGS estava abrindo o Mestrado

¹⁴ Brique da Redenção é o nome popular da feira que o ocorre no Parque Farroupilha em Porto Alegre, nos domingos de manhã.

em Artes Visuais, com a mesma equipe com a qual tinha feito a especialização. Mas, quando fiz o mestrado, não tinha nenhuma preocupação em que ele fosse significar qualquer coisa prática na minha vida, àquela altura da minha vida profissional. Era, pensava, puro diletantismo... Porque já me via em fim de carreira na Prefeitura e como sempre gostei de estudar, pensava estar encaminhando uma aposentadoria tranquila...

Fiz o curso que foi extremamente duro, porque em função de greves na UFRGS, nós fizemos o mestrado de quatro semestres em 18 meses. E me lembro que teve umas férias de julho que escrevi cinco monografias [na época professores não pediam artigos como finalização de disciplina, mas monografias]. Outro complicante, na minha situação, era que, quando da minha graduação, ainda não havia o Trabalho de Conclusão de Curso. Então, digamos assim, que minha formação ABNT e afins e no sentido de um texto mais acadêmico, ainda me era estranho. Então, foi mais duro do que seria normalmente para quem já vem com uma tradição mais tradicionalmente acadêmica.

Minha inquietação no Mestrado, para construção da pesquisa, era com a formação cultural regional do Rio Grande do Sul, pois sempre me incomodou muito, verdades prontas e feitas. Era lugar comum na época, dizer que as artes plásticas no Rio Grande do Sul eram tardias, que eram atrasadas em relação ao resto do país. Porque, justificava-se, em 1922 São Paulo fazia Semana de Arte Moderna e nossos artistas, vistos como provincianos, ainda praticavam uma arte acadêmica, figurativa e que as questões modernas só iriam chegar ao Rio Grande do Sul na década de 1950. Então, toda a minha dissertação foi mostrar que o Rio Grande do Sul, como um todo, realmente se estrutura no final do século 19, quando vamos ter escolas públicas e cursos superiores...

Enquanto isso, a Bahia e São Paulo já tinham três séculos de sistematizações culturais e acadêmicas, e nós ainda estávamos derrubando floresta para fazer casa e plantar milho para conseguir comer. Como é que essa sociedade vai produzir um artista, se a família ainda está no campo plantando milho e mandioca? Porque também se sabe que um artista, claro que há um que outro gênio que fogem à regra, é produzido pelo momento social. O momento que cria o artista depende de uma situação permissiva para tal, como bem colocado por Morin. Para se ter um grande artista, uma arte consistente, é preciso ter um momento que o acalente, que permita que isso aconteça.

Então, a pesquisa tinha essa preocupação com a constituição do campo cultural. Uma das críticas da minha banca foi que eu não apresentava as biografias dos artistas ao longo da dissertação, mas no meu enfoque eu não precisava das histórias individuais. Queria estudar uma postura de Cultura mais ampla. Engraçado é que foi uma dissertação que mesmo tendo tido uma banca pesada e que desqualificou o trabalho, ele passou anos sendo extremamente consultado, me pediam cópia e material, chamavam para palestras sobre a pesquisa. Mesmo que academicamente ela tenha sido detonada.

Bom, como já disse, não tinha a menor expectativa de desdobramentos práticos na minha vida pessoal, eu achava que a minha carreira já estava encaminhada e em fase de encerramento. Voltando um pouco, sou filha de professor e dessa experiência de ver meu pai preparando aula em *flichart*¹⁵ e tendo dificuldades nisso, percebia o magistério como sofrimento. Não me via como professora, trabalhando desesperadamente, como via meu pai. Não era algo que quisesse para mim. Inclusive, quando estava me formando na PUCRS, eu recebi sondagem para ficar dando aula, e neguei, até porque na época o magistério também era significativo de pouco dinheiro e de muito trabalho.

Quando terminei o Mestrado no final de 1995, no ano seguinte, em pleno o mês de abril, a Professora Norma Moesch, que era uma amiga com quem tinha trabalhado na Secretaria de Turismo e que também coordenava o Curso de Turismo da PUCRS, vem até minha casa um sábado pela manhã e me diz: “Preciso muito da tua ajuda. Houve um problema na PUC”. O problema era que o Luiz da Gama Mohr, que ministrava uma disciplina que abordava questões contemporâneas do turismo sob o ponto de vista do mercado [ele coordenava o escritório da Varig em Porto Alegre], fora transferido. Uma mudança na direção geral da Varig o leva para o Rio de Janeiro, aliás, para a que será a mesma equipe que depois assumirá a Tap¹⁶ e fará um belíssimo trabalho de reerguimento da empresa portuguesa.

A Professora Norma me convida, e já naquela época (1996) a PUCRS só contratava professor com, no mínimo Mestrado. Como eu acabara de me titular e como tinha experiência em Turismo, atenderia o perfil exigido pela Universidade. Seria para preencher a lacuna até aquele final de semestre. Só que no segundo semestre já estava com mais duas disciplinas, e logo eram mais de 20 horas na PUCRS. E eu continuava trabalhando na Prefeitura. Chegou o momento em

¹⁵ Bloco de cavalete ou tripé utilizado geralmente como quadro para exposição didática ou apresentações.

¹⁶ Tap Airlines companhia aérea com sede em Lisboa, Portugal.

que eu fiz aposentadoria proporcional na Prefeitura e me dediquei só a academia. E então fui fazer doutorado. Fiz o doutorado na área de Comunicação, e novamente fiz parte de uma primeira turma... E, enfim, estou aqui onde estou, porque houve uma mudança na direção da Varig.

Começou um novo momento de vida, mais uma vez sem a expectativa de que um doutorado alteraria minha vida... Durante o doutorado continuava a trabalhar na PUCRS e começara a lecionar na UNIFRA¹⁷, em Santa Maria, porque a Professora Norma estava agora coordenando o curso de Graduação em Turismo da instituição e levava 'sua' equipe. E depois ela ainda irá coordenar o curso de graduação em Turismo da UCS, em Canela.

[FZS, JPV, VK, JAS]: E como você chega na UCS?

[SAG]: Venho para UCS quando a Norma vem coordenar, em Canela. E aí, outra história curiosa: sempre brinco que não sei quantas vezes fui admitida e demitida da UCS... Eu vinha, ministrava uma disciplina, e antes que Norma me reorganizasse dentro do curso, como fazia nas outras instituições, a UCS me demitia. Depois, me chamavam de novo para uma disciplina, e me demitiam no final do semestre. Entrei e sai da UCS várias vezes.

A vinda definitiva está associada ao doutorado. Dois ou três dias depois da banca, a Suzana de Conto me liga e me chama para vir trabalhar aqui no PPGTUR, que ainda não ganhara o H. Perguntei: como ficaste sabendo da minha banca? E ela respondeu que não sabia que adefesa tinha sido há poucos dias. No semestre fora contratada para, especificamente, ministrar uma disciplina para Turma 2, sobre Marketing Turístico, mas como eu não trabalho com Marketing, mas sim com imagem institucional na linha dos imaginários, tinha um colega que trabalhava e dividia a disciplina com ele. Agora, o convite era para fazer parte do curso de forma mais efetiva.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Como que foi a relação com os campi de Bento Gonçalves, Canela e Caxias do Sul?

[SAG]: Era muito esquizofrênico, nós tínhamos duas graduações, uma em Canela e uma em Bento Gonçalves, que não trocavam experiências por causa da distância física, não havia uma conexão e os cursos não se viam como um todo. Mesmo que o coordenador de ambos tenha sido o mesmo por um período. E ainda, se tinha o Mestrado em um terceiro lugar. E nós

¹⁷ Universidade Franciscana de Santa Maria.

passamos muito tempo, desde o início do curso, pleiteando que houvesse uma graduação em Caxias do Sul. Mas, na visão institucional, não haveria público para uma oferta em Caxias do Sul, pois o turismo estava em Canela / Gramado e em Bento Gonçalves e não em Caxias. O discurso era de que ao abrir um curso aqui seria para concorrermos com nós mesmos. Foi preciso que se esgotasse o ciclo de Bento Gonçalves e Canela para a mudança acontecer. O que é lamentável, porque se anda na contramão do crescimento do Turismo nesses locais e os cursos esvaziaram.. Não se entende o porquê de isso acontecer. Mas, a graduação veio para Caxias do Sul, e temos tido uma boa resposta. Dentro de todas as crises que as universidades e as graduações em Turismo vivem, a gente conseguiu se manter e isso é bem importante.

[FZS, JPV, VK, JAS]: E a experiência de Coordenação do Programa, como foi?

[SAG]: Em 2003, já venho como contratada oficialmente para trabalhar no PPGTUR, mas como eu entro pela minha formação de Graduação, acabo ministrando algumas disciplinas no Curso de Comunicação. E já estava aqui a uns seis meses, quando a Suzana de Conto fica doente, faz licença de saúde, e a pró-reitora me chama e diz que tinha que assumir a coordenação. Tentei escapar, mas tive que assumir, até porque era uma época que os professores, a Margarita Barretto, a Miriam Rejowski e o Mário Beni, vinham de 15 em 15 dias. Tínhamos um curso de professores nômades. E naquele momento, eu era a professora menos nômade do curso, por isso eu tive que assumir.

Outra coisa que marca minha carreira profissional, é que eu sempre começo no topo das hierarquias. Quando estava na Secretaria do Turismo, entro como assessora do secretário, e aqui entro coordenando o curso. Parece que sempre o meu caminho é descer o morro, porque eu não quero essa posição, entro e já me pergunto: como saio daqui? Enquanto todo mundo faz uma carreira para chegar lá, a minha sempre se marcou por trabalhar para descer pra planície. E não quero que isso passe como arrogância, mas a vida te leva a isso. Mas enfim, não achei que coordenar não seria tão complicado, mas foi, e muito. Se realmente a área cultural, aonde atuara por mais de vinte anos, tem muitas estrelas, a academia as tem ainda em maior número. Então não é fácil. A coordenação é muito dura, até porque a burocracia acadêmica, CAPES, CNPq, é algo enlouquecedor. Até hoje, o que a Marcia me pedia ou o Pedro me pede, eu faço, porque sei que é duro e solitário coordenar, até porque todos nós trabalhamos no limite, e mesmo para os professores auxiliarem a coordenação, falta-lhes tempo. A vida acadêmica tem as suas coisas maravilhosas, mas ela também é árida, bem complicada e dura.

Outra situação, é que cada professor na Graduação, mas principalmente na Pós-Graduação, ele é único. Se a gente sai de um programa, não tem como substituir. Virá outro professor que vai construir toda a sua pesquisa, sua inserção, mas é outra coisa. Não dá para dizer que vamos substituir tal professor, mas também não estou dizendo que somos insubstituíveis... É que quando substitui, recomeça, vai ser outro momento, outro processo, outro olhar, mesmo que venha da mesma formação, sempre é outra formação. Nem sempre as instituições acadêmicas entendem isso, porque a burocracia universitária tende a entender que para cada vaga, tem meia dúzia para colocar no lugar. Não tem, no caso da pós-graduação.

[FZS, JPV, VK, JAS]: No PPGTURH só não trabalhaste com a primeira turma. Como tem sido essa relação?

[SAG]: Nós crescemos muitos, nós amadurecemos muito como Programa. Aliás, não só nós, mas o Turismo todo ganhou consistência, e não ganhou só a UCS, nós começamos a ter Mestrado e o Doutorado no País todo, e isso alavancou as produções, projetos e pesquisas. Tanto que hoje, se formos ler as primeiras dissertações, não só nossas, mas de qualquer programa, a gente vê como avançou, porque não só o aluno amadurece, os professores orientadores amadurecem e o curso como um todo idem. Nós temos uma consistência, que é respeitada mesmo fora da UCS, somos considerados e vistos como um curso “acadêmico”, no sentido de que seríamos mais acadêmicos que muitos dos demais cursos. E acho que isso é uma conquista, vejo como positivo.

[FZS]: E como foi a implantação do Doutorado?

[SAG]: A implantação do Doutorado foi extremamente importante, porque a gente consegue aprofundar as pesquisas. Porque para o aluno, digamos assim, os dois anos de Mestrado são tranquilos, mas para o aluno mais teórico, que quer teorizar mais, o Mestrado se torna curto e pesado. Assim, o Doutorado dá um pulo de maior fôlego para pensar. Porque tem abstrações que a gente incorpora rapidamente, tem outras que se precisa de maturidade, de tempo físico. Mesmo o intelectual precisa de tempo físico. Precisa-se de um tempo, até para assimilar o que se está pensando. Ninguém chega no Doutorado por acaso, mas por uma trajetória de competência, a gente se torna colega para trabalhar e pegar junto.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Como entra a Hospitalidade no projeto do Programa?

[SAG]: Eu diria que o estudo e a teorização em Hospitalidade foram crescendo naturalmente no curso, ela foi se inserindo. Até o dia que chegamos numa reunião de Colegiado, e dissemos “Como que nós temos toda uma área de pesquisa e não a temos representada na proposta do Programa?”. Isso poderia nos diferenciar. E a gente se dá conta que nós temos produção e projetos de pesquisa em Hospitalidade e que isso tinha que estar consagrado dentro da denominação. A Marcia fez uma consulta à CAPES sobre poder fazer a alteração da denominação do curso para ficar mais adequada ao projeto todo. A resposta foi que era e só alterar e informar a eles. E foi aparentemente fácil.

Outra situação é que, acredito, somos o único curso que tem preocupação com a Educação no Mestrado e uma área forte na Gestão Ambiental. Pois se fala em meio ambiente e permanece na questão da ecologia e gestão de parques, mas ir lá e fazer como a Suzana de Conto faz e colocar a mão no lixo e pesquisar resíduos, isso se torna uma marca muito forte nossa. E isso é um grande problema no Turismo, haja visto esses derrames de petróleo nas praias do Nordeste. Claro, que é um dano ecológico enorme, mas em decorrência será um dano no Turismo. Então, digamos assim, o que nós temos no Turismo é muita gente trabalhando com gestão, com gestão de negócio, de pessoal, mas poucos estudos sobre o trabalho no Turismo, que o PPGTURH faz. Então, é sempre uma gestão patronal, do sistema, dentro do discurso que o Turismo é uma área de negócios. Mas, o que trabalhamos é que ele é parte dos negócios, mas não só. Se temos a gestão empresarial no Turismo, também temos os trabalhadores no Turismo com seus problemas e questões.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Durante esses anos, como que surge a ideia de criar o evento do SeminTur?

[SAG]: Nós tínhamos um grande evento anual na área de Turismo que era o da ABBTUR¹⁸, tínhamos o evento bianual do Turismo Rural¹⁹ e o de Turismo com Base Local²⁰, que também era bianual. Tanto o evento de Turismo Rural, quanto o ENTBL, eles são eventos nômades e é sempre problemático um evento que migra por diferentes instituições. Porque cada edição vai ter uma equipe nova, o histórico do evento é complicado, tanto que se formos atrás dos anais dos eventos, não sei quantos a gente consegue resgatar, porque não tem um lugar que abarque

¹⁸ Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo.

¹⁹ Congresso Brasileiro de Turismo Rural criado em 1999. <https://www.ufsm.br/eventos/cbtr/>

²⁰ Encontro Nacional de Turismo com Base Local criado em 1997. <http://www.ufjf.br/entbl2014/o-entbl/>

esse conhecimento. E a ABBTUR não, era uma Associação Nacional, tinha o evento que era bem forte, e acho que chegou a ter até dois ou três mil participantes. Só que tinha foco na graduação, numa época em que a graduação estava muito forte. A Associação entra em crise e fica diluída muito tempo, e o evento acabou parando.

E aí propus, na época que era coordenadora, de fazermos um evento contemporâneo, extremamente enxuto. Uma palestra na sexta à noite, as mesas de trabalhos no sábado e domingo o pessoal poderia fazer as visitas pela cidade, e era isso. E eu me lembro que a Miriam Rejowski, que era do Colegiado, me olhou e disse: “Você quer fazer, faz, mas não tem produção”. E respondi: “Olha, Miriam, talvez não tenha produção porque não tem evento que dê visibilidade”. E realmente, o SeminTur sempre foi um sucesso. Não só porque começou visibilizar a produção, mostrar que tinha produção, mas o pessoal adorava o modelo de ter essa palestra, apresentar seu trabalho e era isso. Porque o que a gente vê hoje, os eventos duram dois ou três dias, as pessoas chegam de mala para sua mesa, apresentam o trabalho, e ainda pedem pra apresentar antes porque já tem que voltar. Que evento é esse, em que as pessoas não participam do evento? Se não estão lá, é porque não é importante para o trabalho ouvir as considerações dos outros pesquisadores, salvo exceções. Quando se tem um evento que não deixa espaço para as pessoas conhecerem outras vivências, não me parece um evento contemporâneo.

Então, se criou o SeminTur. Que fez uma tradição. Os eventos hoje, sei lá quantos eventos têm na área, tanto que a gente não consegue dar conta e ir para eles, porque é muita coisa. Tanto que quando eu estava na ANPTUR²¹, uma das propostas da diretoria era ter um calendário de eventos que a Associação fizesse um apanhado e que esses se tornassem regionalizações do macro ANPTUR. O que se tem hoje para um encontro Nacional é o custo, então nós estamos no Rio Grande do Sul e se o evento vai ser em Recife... Para nós, o custo para ir ao Nordeste é enorme, e vice-versa. Quando fizemos a ANPTUR aqui, o custo do pessoal do Norte e Nordeste também era intransponível. Então, por esses problemas a gente acaba centralizando os eventos em São Paulo e Rio de Janeiro, o que é muito ruim, porque a cultura do evento não se consolida nacionalmente.

[FZS]: Como surge o interesse pela criação da Revista Rosa dos Ventos?

²¹ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

[SAG]: Com isso tudo do SeminTur, surge a necessidade de fazer uma revista, que também eram poucas na época. E hoje, nós temos muitas revistas, mas também todas elas com um mesmo problema, porque é raro a instituição que as valorize internamente. Poucos valorizam as necessidades da revista, apoiando institucionalmente, dando suporte. Nós temos uma lógica que não se cita autor brasileiro, mas que tem que citar autor estrangeiro. Como nós não nos citamos, as nossas revistas perdem fator de impacto. Mesmo que as revistas sejam de qualidade, elas não impactam porque não são citadas. E se formos ver, estamos com mais de 200 formados no Mestrado, se cada um deles tivesse feito uma citação da Rosa dos Ventos, nós tínhamos impacto. Se todos os colegas, aqui da casa, citassem a Rosa dos Ventos, com a quantidade de artigos produzidos por ano, teríamos mais impacto. Mas não dá nem pra fazer uma reclamação junto aos que não nos citam, pois a própria casa não nos cita. E isso acontece também com outros periódicos. Isso torna a tarefa do editor inglória, porque não se tem muito o que fazer... A gente faz meio que por teimosia, como voluntariado, para que isso um dia fique como memória.

[FZS, JPV, VK, JAS]:: Como está sendo e como foi desde o início a editoração da revista?

[SAG]: É uma coisa que eu amo fazer. Entra no meu lado obsessivo e eu editei antes da Rosa dos Ventos outras revistas, então eu não chego aqui como amadora, até diria que eu sou profissionalmente editora. Porque na maioria dos casos, quem assume é um professor da casa, que faz um trabalho ótimo, mas com um esforço muito grande. O que é ser editor? Existem as boas práticas da ANPAD²², e ela diz que um editor tem autonomia, ele é quem faz a revista. Então, por exemplo, tenho um artigo que foi para avaliação, uma muito boa e uma ruim, o que vale? A boa ou a ruim? O que o editor faz? Ou ele pede um terceiro parecer que talvez fique em cima do muro, que não resolva o problema, ou ele pega esses dois pareceres, lê o artigo e bate o martelo. Ele é quem diz o futuro do artigo avaliado. Esse é o papel do editor, ele tem que tomar essa decisão, e muitas vezes os editores não querem tomar essa decisão, pois se torna um trabalho duro, por ter que se responsabilizar pelo que decisão.

Como que trabalhamos na Rosa dos Ventos? Nós pegamos os pareceres e tiramos um terceiro parecer com tudo que nós achamos mais pertinentes dos outros dois. Não se deixa de pedir as revisões necessárias, mas fazemos uma junção. Pois se receber dois pareceres contraditórios,

²² Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Boas Práticas http://www.anpad.org.br/diversos/boas_praticas.pdf

quem resolve? O autor? E o que acontece muitas vezes hoje é que a revista coloca em suas normas que o artigo deverá ter no máximo 15 páginas, o autor se esforça para ficar nesse limite, e aí vem o parecer dizendo que faltou isso e aquilo. Claro que faltará, se temos a contingência do número de páginas...

[FZS]: E como foi dentro da história do SemiTur, a criação do SeminTur Jr.?

[SAG]: O SeminTur Jr. nasce porque nós sempre tínhamos inscrição de graduandos no SeminTur, e trabalhos bons, com material bom e tínhamos que recusar. E ao mesmo tempo, nós nos demos conta que a Graduação não estava tendo espaço pra encaminhar a Iniciação Científica. E que estávamos perdendo bons materiais que mereciam espaço, e aí a gente cria o SeminTur Jr., porque uma das preocupações do evento é mostrar que na Graduação se produz conhecimento, que não é só na Pós-Graduação que se produz conhecimento. Existem pesquisas interessantes e pertinentes que vem da Graduação. A preocupação é fazer um evento que tenha uma cara jovem, que ele funcione como uma oficina de experimentação para evento. Tanto que é o pessoal da Pós-Graduação que organizam.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Como que foi a questão do Pós-Doutorado? Como surgiu o interesse por fazer?

[SAG]: Nós temos uma certa pressão, nem sempre carinhosa, para ter Pós-Doc, e por outro lado, que estudar é muito bom. Como eu não tinha feito doutorado sanduíche, não tinha essa experiência fora, e ao mesmo tempo nós temos uma aproximação muito grande com a professora Isabel Baptista, via grupo de pesquisa. Conversei com ela, e aceitou minha proposta.

O Porto tem uma proposta e uma estrutura de Turismo muito interessante. E eles também tem um centro histórico que é Patrimônio da Humanidade, e a primeira vez que fui conversar com a professora Isabel, a gente estava em plena a Festa de São João no Porto, que é um evento incrível, mais ou menos como o São João no Nordeste. E ele tem marcas muito fortes. E ela me perguntou do porque não estudar o São João, e eu comecei a olhar e a ver as coisas da festa. O mais interessante no São João do Porto, é que há um desfile dos bairros, cada bairro se organiza e eles fazem um desfile pela área central do Porto, no centro histórico, que é relativamente pequena.

Há uma comissão julgadora que avalia o desfile. Os grupos criam a música, a temática que tem que ter relação com os anos 1950, destacando as marcas do bairro nos anos 1950. E aparecem

coisas de época, como o vendedor de gravata, de jornal e de peixe. O que me pareceu com os estudos que fiz, que é muito importante juntar o patrimônio material com o imaterial, pois é isso que deixa o patrimônio material vivo. O momento que eles desfilam desde sempre na área histórica, isso revitaliza e reenergiza o patrimônio a cada Festa de São João.

[FZS, JPV, VK, JAS]: E isso vem para reforçar o que você vem falando desde a tese, dos fluxos e fixos de como eles percorrem a Cidade e o Urbano, mas também as questões do Palco, Praça e Monumento. Como você tem visto desde o doutorado até agora a relação da Cidade com a Cultura?

[SAG]: A gente tem crescido muito, não somente eu pessoalmente, os estudos têm crescido muito nessa perspectiva da cidade contemporânea, na qual a cultura é uma área de negócios, que não se pode desconhecer isso, mas que muita gente ainda olha isso como um pecado. E não é um pecado, porque todo artista quer ser valorizado e ganhar dinheiro com seu trabalho, até para sobreviver. Não quer dizer que ele seja uma empresa, mas tem que ser remunerado pelo seu trabalho, pela sua movimentação que está dando à cidade. E isso está vindo, está vindo forte, nessas novas formas que a Cultura tem criado. Há os *coworking*²³ e afins, o que me parece extremamente importante, uma certa emancipação do poder público. Não que ele não tenha responsabilidade, principalmente em países periféricos como o Brasil, onde se precisa de apoio institucional para se fazer as coisas, e às vezes, esse apoio é simples, de um certo incentivo à cultura.

A prefeitura tem que ser um facilitador, sem necessariamente ter um investimento público, não é necessário sempre colocar dinheiro diretamente. No caso do Brique da Redenção em Porto Alegre, muitas famílias vivem do que faturam ali. Há um grande número de pessoas transitando, tem o que se fazer num domingo de manhã em Porto Alegre, tem movimentação que se permite isso. Me lembro de outra ocasião na Prefeitura de Porto Alegre, que foram perguntar o que os grupos de teatro precisavam, e eles disseram que o maior problema era onde ensaiar, porque não tinha verba para um espaço onde ensaiar. E naquela momento a Usina do Gasômetro²⁴ foi organizada para atender essa proposta. Isso é apoio público. As leis de incentivo são extremamente

²³ Espaço colaborativo pensado para o trabalho autônomo, no qual os profissionais possam desenvolver seus projetos.

²⁴ Antiga usina movida a carvão vegetal, localizada em Porto Alegre e que hoje é utilizada como centro cultural.

importantes, mas existe o básico que agora a gente está vendo que as empresas de *coworking* estão proporcionando. De certa maneira, espaços que sejam viáveis para que um grupo possa pagar pelo uso. Dando certa autonomia para as iniciativas, isso é apoio e auto-organização.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Como que você tem visto a Praça, o Monumento e o Palco hoje?

[SAG]: Eu continuo vendo que esses imaginários podem ser importantes num planejamento urbano, principalmente hoje que as pessoas estão viciadas em celular e o contato humano reduziu. Nós temos que ter e incentivar espaços para que as pessoas se vejam, mesmo que elas falem sobre e sob celular, mas esse espaço de olhar, encontrar e conhecer o outro. Continuo acreditando que as políticas públicas têm que investir nisso, que é o que os shoppings fazem.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Então, o Palco estaria mais defasado nesse sentido?

[SAG]: Eu acho que dos Monumentos, bem ou mal, as cidades vinham cuidando, esses espaços que reforçam a ideia de Cidade, mas me parece que praça e palco não são discutidos. Não está na pauta da discussão. Voltando ao Brique da Redenção, porque ele funciona? Porque ele é praça e é palco, as pessoas vão lá para se olhar, se vou num domingo, sei que encontrarei conhecidos.

[FZS, JPV, VK, JAS]: Nesse sentido, como tem sido essa relação da Cultura e da Cidade com o Turismo?

[SAG]: Nós temos estudado as ditas Cidades Globais, ou seja qual o nome que elas tenham, Cidade Criativa, Cidade do Turismo Criativo, mas eu continuo defendendo, investindo que a cidade boa para o turista, ela tem que ser boa para o morador. Eu quero ir pra lugares que tenham pessoas. Qual a graça de um restaurante vazio? Está cada vez mais difícil encontrar pessoas do lugar na cidade turística. Hoje se encontra, cada vez mais, turistas nos locais onde antes se encontravam os moradores. Então, eu entendo a turismofobia dos espaços sobrecarregados de Turismo, mas ainda são poucos os nichos específicos em que acontece isso. No Brasil é bastante preocupante o Carnaval, que num pequeno espaço de tempo junta um excesso de gente, e sempre há tradição forte de Carnaval em cidades históricas, o que é complicado.

[FZS]: E o Turismo nessa relação toda?

[SAG]: Acho que estamos num momento de encruzilhada bem importante para o Turismo. Que vai ser as pessoas querendo conhecer os lugares de forma não presencial. Essa nova geração que está sendo criada com as novas tecnologias e vai para Paris, mas não sai do celular, para que ir a Paris? Penso que nós vamos ter uma quebra, e eu não vejo nossos turismólogos sendo preparados para esse outro Turismo, esse *turismo online*. Então, vai ser uma área que vai ser invadida pelo pessoal da informática, da ciência da computação, menos pelo pessoal do Turismo. Eu vejo o nosso aluno de Graduação muito acomodado, e não sei se o Turismo é uma área de atividade para meninos e meninas de 17 anos, porque é necessário ter um conhecimento de mundo, um certo amadurecimento, para ter uma prática e uma atividade na área.

[FZS, JPV, VK, JAS]: E como tu tem visto a questão da hospitalidade?

[SAG]: Eu acho que não é por acaso que a Hospitalidade se torna uma questão emergente, porque a vida nos torna muito duros e inóspitos, não porque a gente queira, mas porque sofremos tanta pressão e tanta demanda... Então, surge a necessidade de dizer para se tratar como ser humano e de que você está na frente de um ser humano, e às vezes no piloto automático isso deixa de ser obvio, então se precisa trabalhar com a Hospitalidade.

Agora, que os colegas da Hospitalidade não me ouçam, mas ela entra muito porque eu preciso ter funcionários agradáveis e eu tenho que embuti-los no imaginário Hospitalidade. Porque mesmo que estejam ali mal pagos, com excesso de trabalho, eles precisam ser hospitaleiros. Tem um lado da Hospitalidade que é ideológico. Em geral, todos nós temos sido desumanizados, então, a gente precisa teorizar para “treinar” as pessoas a não serem tão inóspitas.

[[FZS, JPV, VK, JAS]: Bom, Susana, era isso. Muito obrigado pelo teu tempo e pela disponibilidade!

[SAG]: Eu quem agradeço!

REFERÊNCIAS SUGERIDAS

Beber, A. M. C., & Gastal, S. (2017). Turismo gastronômico, cultura e comida de festa. *Revista Dos Algarves – A multidisciplinay e-journal*, 30(1), 58-71. [Link](#)

- De Sá, F. Z., & Gastal, S. A. (2018). Cultura, memoria y comunicación: enlaces com el souvenir. *In: Soares, J. R. R.; Baptista, M. L. C. (org.). Las fuentes de información turística em foco.* Navarra: Thomson Reuters.
- Gastal, S., & Da Silva, A. F. (2015). Jardins e jardim histórico: espaço de memória e possibilidades para o Turismo. *Revista Ibero Americana de Turismo*, 5(ed. Especial), 63-85. [Link](#)
- Gastal, S., & De Sá, F. Z. (2017). Suvenir cultural: produto memorialístico e criativo. *In: Freitas, E., Saraiva, J. & Haubrich, G. (org.). Diálogos Interdisciplinares: Cultura, comunicação e diversidade no contexto contemporâneo.* Novo Hamburgo: Ed. Feevale.
- Gastal, S., & Moesh, M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania.* São Paulo: Aleph.
- Gastal, S., & Osmaïnchi, R. (2017). Ciudades Globales: rankings y posibilidades para el Turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 26(2), 419-440. [Link](#)
- Gastal, S. (2002). *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio. Tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade.* [Tese de Doutorado em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul].
- Gastal, S. (2005). *Turismo, imagens e imaginários.* São Paulo: Aleph.
- Gastal, S. (2006). *Alegorias urbanas: O passado como subterfúgio.* Campinas, SP: Papirus.
- Gastal, S. (2017). Cidade e visualidade: um olhar semiótico sobre o texto palco. *In Mediaciones de La Comunicación*, 12(1), 285-303. [Link](#)
- Gastal, S., Beber, A. M. C., & De Sá, F. Z. (2017). Gastronomia da italianidade: diversidade, tradição e inovação em Antônio Prado, Brasil. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 5(ed. Especial), 21-34. [Link](#)
- Gastal, S., Palma, V. R., & Castrogiovanni, A. C. (2018). Jardins botânicos e turismo de jardins: Pesquisa de audiência em Porto Alegre e Caxias do Sul, RS. *Revista Caderno Virtual de Turismo*, 18(1), 170-186. [Link](#)